

a gazeta

Irpin, arredores de Kiev
Foto: AP/Photo

editorial | 2

“Estamos mais uma vez na busca de respostas, nos sentindo desafiados em nossa capacidade de sentir esperança”

KENIA BALLVÉ BEHR

perspectivas | 4

ENTREVISTAS

- Jocitacler Bolsoni
por Déborah Dalcol
- Fábio Belo
por Larissa Roggia
- Silvia Skowronsky
por Clarissa de Carvalho

arte e cultura | 9

biblioteca | 10

- Racismo: por uma Psicanálise implicada
- Clínica da excitação

MARIANA LÜTZ BIAZI

agenda | 11

16

editorial

a gazeta

Número 16

Abril de 2022

Distribuição Gratuita

Editora

Kenia Ballvé Behr

Equipe de Redação

Clarissa Salle de Carvalho

Déborah Dalcol

Kenia Ballvé Behr

Larissa Roggia

Mariana Lütz Biazzi

Projeto Gráfico

Guilherme Mautone

Diagramação

Carlos Tiburski

Impressão

Ideograf (POA - RS)

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

81 exemplares

Composição

Tipografia Chaparral Pro.

Capa em Couché com

revestimento em Prolan

Fosco. Miolo em Off-Set.

CONSTRUCTO

instituição psicanalítica

CNPJ 04.4792660001-10

Rua Quintino Bocaiúva, 1373, 01.
Bairro Rio Branco, POA, RS.www.constructo.com.br
comunicacao@constructo.com.br
constructo@constructo.com.br

51 3343 3364

51 98119 1944

Todos os direitos reservados

Formação
psicanalítica

Tendo a incumbência de escrever umas palavras para o editorial deste novo exemplar d'A Gazeta, desde o início me ocorreram dois temas para comentar. De um lado, o último dos acontecimentos relacionado com a psicanálise, que muito tem repercutido entre os psicanalistas, referente ao curso de graduação em psicanálise, desenvolvido na modalidade 'à distância', no âmbito de uma universidade brasileira - Uninter. De outro lado, a guerra entre Rússia e Ucrânia. Nosso folhetim está abordando os dois assuntos, na palavra de psicanalistas brasileiros que também fazem parte de universidades (mineira e gaúcha), assim como de uma Instituição ligada à IPA (SBPPOA) e, de outra parte, através de fotografias fortemente expressivas do horror que tem ocorrido no leste europeu. Identifico que há um ponto comum nos dois episódios. Ambos representam situações que, de alguma maneira, se repetem ao longo do tempo. Não é a primeira vez que existe uma tentativa de incluir a psicanálise na Universidade, como aconteceu na França (Paris VII), em 1980, assunto amplamente debatido por Laplanche em algumas de suas Problemáticas. E a guerra, que nos assombra de tempos em tempos e que, como nos diz Mia Couto, em seu livro O último voo do flamingo... "A guerra nunca partiu, filho. As guerras são como as estações do ano: ficam suspensas, a amadurecer no ódio da gente miúda".

Vivendo uma certa pós-pandemia, foi surgindo forte o desejo (e a possibilidade) de retomar lugares de encontro e encontros efetivos com aqueles que amamos, de reviver tanta coisa que ficou perdida por mais de 2 anos... mas de repente nos enfrentamos com outra tra-

gédia, com essa guerra maldita, que nos surpreendeu novamente com a violência determinada pela necessidade de controle e de poder a qualquer preço, energias desenfreadas pelo fanatismo de líderes políticos que ignoram os direitos e a liberdade do outro, que incitam o ódio não apenas à sua geração mas, como lembra Mia, geram sementes que vão se instalando na alma de nossos pequenos. Estamos mais uma vez na busca de respostas, nos sentindo desafiados em nossa capacidade de sentir esperança. E em função disso talvez seja cedo para falar mais sobre o assunto, já que falar é sofrer de novo aquilo que sentimos ao tomarmos contato com as notícias e as fotos que estão nos noticiários todo o tempo. Por isso, opto por algumas palavras sobre a psicanálise na universidade.

Existem cursos de formação psicanalítica desde a criação, por Freud, da International Psychoanalytical Association (IPA). A base de sustentação dessa formação desde sempre é a análise individual e a supervisão de casos clínicos, além dos estudos teóricos, sendo que o primeiro destes elementos é considerado o que verdadeiramente dá acesso a uma parte da verdade psicanalítica. Como afirmou Freud, a partir da citação de Goethe, "aquilo que herdaste, adquiere-o para que o possuas", referindo-se que tudo já está no inconsciente de cada um, embora seja necessário apropriar-se desse conhecimento. A psicanálise objetiva formular verdades acerca do inconsciente, sendo que seu próprio surgimento está vinculado à história de seu próprio objeto.

A interrogação que retorna ao longo do tempo é se deve-se ensinar psicanálise na Universidade ou em cursos referi-

por Kenia Ballvé Behr



dos como “não oficiais”, ou se essa formação deve ficar restrita aos Institutos “oficiais”, filiados a IPA. Encontramos nos textos das Problemáticas (Jean Laplanche), alguns pontos de vista do autor sobre o tema, particularmente nos tomos I, IV e V, parte deles referentes à criação do Doutorado em Psicanálise, na Paris VII, em 1980.

Afirma Laplanche que, nos inícios, a psicanálise ensinava o que descobria, mostrando seu próprio caminho rumo à sua verdade, que coincidia com a verdade de Freud. A descoberta freudiana de seu próprio objeto está, portanto, ligada à descoberta do próprio inconsciente de seu criador. No entanto, a psicanálise não apresenta um desenvolvimento cronológico, com um antes e um depois, como ocorre em outros âmbitos. Como refere Laplanche, no movimento da descoberta em psicanálise tudo pode ser questionado de novo. Em muitos escritos encontra-se uma retrospectiva histórica, um retorno sobre Freud, numa espécie de um movimento em espiral. Nesse sentido, então, o autor propõe que é possível o ensino da teoria psicanalítica desde que seja respeitada uma certa dimensão histórica e, de outro lado, que esse ensino deve tentar ser interpretativo: uma interpretação de Freud, mas com os métodos do próprio Freud.

Em outro comentário o autor refere haver uma objeção de ensinar a psicanálise na universidade em dois aspectos. No que diz respeito ao aspecto individual, esse ensino tropeçaria com a não especialidade dos alunos e, mais especificamente, com o fato que não lhes é exigido ser analistas, nem ser analisados. Sorte, diz Laplanche, que para ouvir falar de psicanálise na universidade não seja exigido um certificado de estar em análise, o que seria o final da análise como processo independente, não normativo. “No momento em que a análise torna-se ob-

jeto de um certificado que outorga um direito, não como resultado de seu processo, mas como sanção puramente formal pelo fato de ter ocorrido; nesse momento, digo, trata-se de outra coisa, não de análise” (Problemáticas IV, p. 24). Por outro lado, a dificuldade, até a impossibilidade de falar de análise na universidade pode se dar não só por referência aos indivíduos, mas em função da universidade em seu caráter de instituição. Uma instituição universitária, integrada socialmente, instrumentalizada em função de objetivos, não seria um espaço para um ensino da análise digno de tal nome. O diploma teria uma utilidade social marginal, que pouco serviria ao mercado de trabalho. Na verdade, confere o direito de fazer investigações e, em alguns casos, postular um cargo de ensino.

Mas, voltando ao tema da análise pessoal do analisando, trata-se de uma peça central da formação analítica, tema discutido tanto em possíveis cursos de psicanálise dentro da universidade, como nos diferentes cursos ou institutos que especificamente se ocupam da formação analítica. Nestes últimos há unanimidade que a análise pessoal é parte fundamental da formação, mas há posições diferentes em relação ao objetivo da análise e à escolha do analista. Nos Institutos de Psicanálise (IPA) para que a análise seja plena, deve ser ‘didática’, significando que seja uma análise que possibilite a habilitação a uma profissão e a transmissão de um saber. A busca da análise, de certa forma, é intermediada pela instituição, ao invés de ser um empreendimento pessoal inicial. O didata deverá ser um analista habilitado como tal e participante da “lista” determinada pela instituição. A crítica principal de alguns analistas, mesmo entre os filiados à IPA, é que o problema fundamental da análise do futuro analista é a integração da análise numa finalidade que determi-

na onde o processo deve chegar: o objetivo da análise é formar um bom analista. Um acordo, sem questionamento possível entre o analista, o analisando e a instituição. Uma dominação institucional do processo analítico a que se submete aquele que inicia uma análise pessoal. (Problemáticas V, p. 113)

Existem inúmeras questões envolvidas nesse movimento de 1980, assim como as que estão presentes naquilo que deu origem ao curso de psicanálise da Uninter, decretado em 2021, no Brasil. Em princípio, pode-se pensar que, para alguns, estaria em jogo a necessidade de redefinir a psicanálise como prática e buscar um melhor modo de tornar-se um psicanalista através de alterações na formação psicanalítica vigente, além de procurar o percurso mais adequado para desenvolver a pesquisa no campo científico. Pode-se também cogitar que um dos motivos para esses movimentos seria encaminhar um estatuto jurídico da profissão de psicanalista através de um título universitário, que regulasse a profissão, através de normas que resguardassem a psicanálise do exercício de práticas consideradas inadequadas por parte da população que se dedica ao estudo e à prática da psicanálise. De um lado, as convicções se sustentam nos argumentos do que foi proposto por Freud, nos inícios de 1900, embora com reformulações pertinentes à passagem de mais de 100 anos. De outro lado, as propostas que estão em desacordo com a situação atual, embora muitas de suas sugestões sejam vistas, pelo outro lado, como opostas a alguns dos princípios fundamentais da psicanálise.

Convidamos três colegas psicanalistas, com vivência em universidades, assim como em cursos que oferecem formação psicanalítica, para dividirem conosco suas opiniões a respeito do tema. Boa leitura!

perspectivas



Entrevista
realizada por
Déborah Dalcol

com Jocitacler Bolsoni, diretora do Núcleo Planalto Passo Fundo da Constructo, psicanalista, professora, mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS) e supervisora de estágios clínicos da Universidade de Passo Fundo (UPF). Jocitacler foi nossa convidada para, nesta entrevista, versar sobre a Psicanálise no plano da Universidade, a partir de sua experiência.

Déborah: Como se deu seu processo de formação como psicanalista?

Jocitacler: Iniciei meus estudos e a formação em Psicanálise, há 23 anos. O desejo já estava presente antes desta data, ainda como aluna do curso de Psicologia na Universidade de Passo Fundo (UPF). Embora nesta época eu ainda não tivesse clareza sobre onde encontrar, eu já sabia o que eu procurava: algo mais profundo, que desse conta não só de descrever, diagnosticar e intervir, mas que apresentasse método de investigação respaldado por uma teoria consistente.

Com 15 anos de formada, tive a oportunidade ímpar de assistir a um colóquio de psicanálise em Passo Fundo, onde as palestrantes faziam parte de uma instituição psicanalítica de Porto Alegre. Dentre essas palestrantes que capturaram a minha curiosidade, estava também Silvia Bleichmar, que dispensa apresentações.

Eu encontrava, então, o que eu procurava. Minha trajetória iniciou-se pela análise pessoal, ingressando mais tarde na Constructo, que foi inaugurada na mesma época.

Déborah: Em relação a sua ex-

periência enquanto professora, como pensa a presença da psicanálise na universidade?

Jocitacler: Minha trajetória como professora universitária percorreu um longo caminho: 37 anos! Na maioria das vezes, a universidade oferece um ambiente mais arejado do que se respira nas instituições psicanalíticas. Por não visar a formação psicanalítica, oferece um estímulo maior à pluralidade de teorias e práticas. Essa diferença não é negativa, pois assim como a universidade ganha com a contribuição de psicanalistas experientes e interessados no que fazem, também as instituições psicanalíticas ganham algo com a produção acadêmica de analistas que são professores universitários. Entretanto, nem sempre a psicanálise foi bem acolhida na universidade, sendo muitas vezes vista como uma “velha rançosa e ortodoxa”, talvez por se insinuar atrevidamente em busca da realidade interna, obscura e, muitas vezes, incômoda ao meio universitário, por natureza mais objetivo.

De todo o modo, penso que a psicanálise pode propor por muito tempo um modo de pensar nossos caminhos e descaminhos, e a universidade será por muito tempo um cenário onde nesse encontro com a psicanálise, poderá produzir seres curiosos a respeito de si e donos dos seus destinos.

Déborah: Como entende o estudo da psicanálise que ocorre na universidade em comparação com aquele das instituições psicanalíticas (em termos de finalidades, objetivos)? Ainda, considerando que, recentemente, houve manifestos de psicanalistas contra a autorização concedida pelo MEC para que a psicanálise se transformasse em um Curso de Graduação. Qual seu

ponto de vista sobre essas questões?

Jocitacler: A psicanálise na universidade não tem por objetivo a formação de um analista, embora tenhamos conhecimento de pretensões de algumas universidades nesse sentido. A psicanálise figura na universidade como um conjunto teórico, que traz o pensamento de autores, como Freud e tantos outros. São pressupostos teóricos que embasam uma prática ou fundamentam teorias subsequentes. Não requer que o acadêmico domine o método de investigação do inconsciente, tal como se faz na formação de um analista. Nem, tampouco, exige que o aluno percorra o caminho da análise pessoal. Ou seja, a psicanálise está na universidade muito mais na esfera teórica do que prática. Não é prioridade da universidade, generalista por natureza, o processo proposto ao futuro psicanalista.

Embora exista uma promessa de algo parecido no âmbito da universidade, resta saber se a mesma pode ser cumprida ou se representa mais um salto no escuro.... É neste ponto que reside a preocupação de psicanalistas quanto ao “Bacharelado em Psicanálise” proposto pela universidade, local plural por excelência e, portanto, distinto da formação de um psicanalista.

De um modo geral, parece despontar nos últimos tempos propostas “minimalistas” de profissionalização, e este fenômeno tem sido cada vez mais comum em universidades que disputam cada vez mais alunos pagantes em detrimento da qualidade do saber.

Para concluir, penso que a relação entre psicanálise e universidade deve ser fortalecida, não confundida! À medida em que estabelecermos as diferenças entre as duas, os ganhos que cada uma pode ofertar à outra ficarão claros. Para tal, é necessário que as

por Déborah Jasmine da Silva Dalcol



fronteiras entre uma e outra sejam protegidas, para que possam haver interfaces que não borrem as especificidades de cada uma.

Déborah: Nos últimos tempos, diante da pandemia, o recurso online foi amplamente utilizado. A partir de sua experiência, como observa essa modalidade no ensino, na formação e na situação analítica?

Jocitacler: A pandemia nos apresentou grandes desafios. O distanciamento social foi um deles, talvez o de maior consequência. Ganhamos um espaço virtual alternativo para darmos

continuidade ao atendimento clínico, mas tivemos que adaptar modos de convivência, de ensino, relacionamentos e atendimentos clínicos. Alguns desses desafios conseguimos vencer, mas não sem efeitos colaterais importantes. alguns não tão inofensivos. Ganhamos tempo, segurança e dinheiro, proporcionamos a continuidade do atendimento aos pacientes, entretanto perdemos um bocado de vida, libido e contato, em todas as relações. O ensino ficou, muitas vezes, obturado pelo cansaço diante das câmeras e os atendimentos desprezaram a importância do corpo presente de ambos – pacien-

te e analista, na cena analítica.

Ganhos e perdas... mais perdas do que ganhos, me parece. Em uma das sessões, uma paciente me diz “Tu não és boa atrás desta câmera!”. Tive um sobressalto, mas em seguida, vieram as interrogações: estaria eu negligenciando a qualidade da minha atuação? Isso estava empobrecendo o processo? O setting modificado podia proteger, mas também parecia despertar desamparo, protesto. Ao mesmo tempo, quem sabe uma interrogação: Posso entender, mas é disso que eu preciso? Está me fazendo bem? Vamos continuar assim? ●



Entrevista realizada por Larissa Bastiani Roggia com Fábio Belo, psicanalista professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Larissa: Como se deu seu processo de formação como psicanalista?

Fábio: O meu processo de formação como psicanalista diz muito sobre essa questão atual da formação, a Psicanálise na universidade, a Psicanálise na instituição. Qual que é o lugar disso? Eu segui as indicações do próprio Freud com relação à formação, balanceando bem o tripé. A minha própria análise em primeiro lugar, em segundo a supervisão e em terceiro e, ao mesmo tempo desses dois pontos, o estudo contínuo e sistemático dos textos psicanalíticos, em especial da obra de Freud, já dentro da universidade. Minha graduação em psicologia na UFMG privilegiou já a procura por disciplinas, dentro e fora da universidade, que versassem sobre a Psicanálise. Então, acho que esse é um ponto importante. A graduação

em psicologia na UFMG contempla algumas disciplinas obrigatórias e optativas para que haja uma formação inicial em Psicanálise na graduação. No mestrado, em Teoria Psicanalítica na UFMG, há mais contribuições para a formação no que tange à abordagens teóricas e críticas epistemológicas. Durante todo esse percurso de graduação e pós frequentei alguns grupos de estudo e algumas disciplinas que eram ofertadas em instituições de Psicanálise aqui em Belo Horizonte. Ao longo do processo de estudo fiz a minha própria análise e mantive a supervisão por muitos anos, por pelo menos 10 anos, com uma frequência bastante alta com analistas que foram meus professores na UFMG e que me acompanharam desde os estágios na graduação. Assim, o tripé no meu caso passou pela formação na psicologia tanto na graduação quanto no mestrado. Portanto, acho importante enfatizar que não vi necessidade de fazer uma formação suplementar numa instituição de Psicanálise e penso que esse é também o percurso dos meus alunos que

acompanho em supervisão e depois de formados. Não necessariamente é preciso uma institucionalização fora da universidade para que a formação aconteça efetivamente.

Larissa: Recentemente houve manifestos de analistas contra a autorização concedida pelo MEC para que a Psicanálise se transformasse em um curso de graduação. Qual seu ponto de vista sobre essa questão?

Fábio: Pareceu-me muito exagerada a reação contra a formação da Psicanálise como um curso de graduação. Acredito que essa discussão possa ser muito mais lenta, muito mais aprofundada e muito melhor acolhida do ponto de vista crítico. A grande questão aqui é pensar na sociologia das profissões. No debate isso ficou sempre marginalizado, como se a Psicanálise não fosse uma profissão liberal como outra qualquer, mas uma profissão liberal muito especial marcada pela prioridade de uma análise pessoal. O que garantiria efetivamente a for-

por Larissa Roggia



perspectivas

mação do analista é a análise pessoal, uma ética própria de autorização de si mesmo enquanto analista, que não passaria por nenhuma outorga institucional que pudesse dizer que aquele sujeito, por ter um diploma, é um analista. A ênfase que vi na discussão passava sempre por esse ponto. No entanto, pensar na sociologia das profissões é também pensar na economia simbólica que determina aquele que vai ser psicanalista, aquele que pode falar em nome da psicanálise, aquele que pode falar em nome da teoria, que tem legitimidade para formar, para, enfim, instituir-se enquanto psicanalista. Isso faz com que a gente volte nosso olhar para os processos burocráticos, os processos e institucionalizados de todas as profissões liberais. Geralmente a formação de todas as profissões liberais na nossa cultura está atrelada sim ao saber universitário. É o saber universitário que legitima do ponto de vista social uma prática profissional atrelada à ciência. A psicanálise, tal como Freud destacou na conferência sobre a *Weltanschauung*, articula-se após uma visão científica (Conferência XXXV - S. Freud, in Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise - 1932). Ora, o espaço fundamental de informação profissional atrelada à ciência é a universidade. Portanto, não há razão de haver uma recusa peremptória, rápida demais, de uma graduação em psicanálise. A grande questão é: essa graduação é suficiente para formar um psicanalista? A princípio, de forma alguma. Isso tem que estar bastante explícito na discussão. Seja lá o que for um analista, não é apenas alguém que passou pelo estudo sistemático da teoria psicanalítica, mas também alguém que passou por uma análise pessoal e por uma supervisão muito constante no início da carreira e mais espaçada ao longo dela. A necessidade de discussão de casos clínicos de forma mais horizontal, a participação do analista na comunidade científica para se renovar e estar aberto à crítica e ao desenvolvimento da teoria, vai permanecer para a psicanálise assim como para outras pro-

fissões liberais. Se é assim na medicina, na psicologia clínica, bem como em outras profissões, para a psicanálise também poderia ser. Não há um problema específico que torne a psicanálise um saber místico que só pode ser acessível a partir, e somente a partir de uma análise pessoal. Então, parece-me que há uma idealização da parte da análise pessoal que parece invisibilizar o caráter sociológico da profissão que também é uma profissão liberal, que também precisa ser regida por regras públicas, assim como pelos condicionantes de uma teoria científica tal como a articulada na nossa sociedade, no interior da ciência e da universidade. Existe uma articulação forte entre a profissão, a ciência e a legitimidade social dessa profissão. Falo a partir da sociologia das profissões desenhada por [Pierre] Bourdieu, um sociólogo bastante importante, que nos mostra que a transmissão desse capital simbólico que constitui uma determinada profissão não se dá de forma aleatória, ela obedece a regras sociais potentes, regras sociais mais ou menos explícitas. No caso da psicanálise, parece-me que essas regras sociais são muito implícitas. Por exemplo, como se dá a formação? Quais são os critérios de indicação? Quais os critérios de legitimidade da teoria? Quais são as teorias mais estudadas, mais legitimadas? Como se dão os processos de falsificação e crítica da teoria? E como se dão também os processos ligados às faltas éticas, políticas e morais daqueles que exercem essa profissão? Ficaremos no vácuo do ponto de vista do controle público dessa profissão? Não se pode ter determinados órgãos de controle, de formação de qualidade que avaliem a nossa prática do ponto de vista externo ao ponto de vista da nossa própria comunidade profissional? O fantasma contra o qual lutamos é também o fantasma do charlatanismo, que sempre foi um problema desde o início da psicanálise. Quem pode falar em nome da psicanálise? Que tipo de prática pode ser denominada psicanálise? O conjunto difuso das instituições psicanalíticas tem conseguido

de alguma maneira a manutenção desse monopólio sobre quem fala sobre a psicanálise ou quais são os discursos legítimos sobre a psicanálise. Será que precisamos efetivamente descartar de maneira radical qualquer tipo de institucionalização?

Larissa: Como professor universitário você acredita que seria possível elaborar uma graduação que abarcasse o tripé necessário para a formação de um analista? Por quê?

Fábio: Essa questão é bastante importante, porque a formação do analista certamente passaria por uma graduação que abarcaria, enfim, as disciplinas de psicologia clínica, de filosofia, de sociologia, de medicina, uma formação geral que formaria um bom psicanalista. Sempre voltamos à questão da análise pessoal como uma das pernas mais importantes do tripé. Isso vale para o psicólogo clínico assim como vale para as pessoas que estão trabalhando com saúde mental. É um imperativo ético pessoal individual, que não pode ser considerado como um tipo de avaliação, mas que deve ser visto como um tipo de obrigação moral e ética de cada analista. Não há a instituição ou universidade que possa efetivamente obrigar um analista a fazer a sua formação pessoal, a se comprometer com a análise do ponto de vista da transferência, a investigar seu próprio inconsciente. Esse desejo de se analisar, de se tratar, é um desejo pessoal. Ele nunca pode ser terceirizado. Nesse sentido, a graduação ou a formação em psicanálise a partir de uma instituição estão no mesmo barco. Precisamos de um certo esforço pessoal, individual e singular de um sujeito que queira fazer a sua análise e se responsabiliza individualmente pela sua análise. Portanto, a grande questão aqui é, seja a graduação em psicanálise, seja a psicanálise inserida no curso de psicologia, seja a psicanálise inserida numa instituição fora da universidade, é preciso pensar quais são as estruturas do poder simbólico que organizam a psicanálise, quais são essas estruturas que legitimam aquela

por Larissa Roggia



análise pessoal, daquele analista, como tendo condição suficiente e necessária para que ele se diga um analista. Então, a princípio quando a gente forma um aluno na psicologia, tão logo ele recebe o seu diploma, ele pode começar a clinicar. Ele já estava clinicando, efetivamente, no campo de estágio antes de se formar. Quando ele abre o seu consultório e começa a clinicar se dizendo psicanalista, ele, muitas vezes, ainda está em processo de análise. Quais são as estruturas burocráticas institucionais simbólicas que legitimam a nomeação desse sujeito como analista? Um sujeito que vai se formar ele já pode se nomear como psicólogo clínico, como um psicanalista. Você precisa de um aval efetivo dos seus pares para isso, um diploma efetivo para que isso aconteça? É isso que está em debate. A princípio nós não temos esse tipo de formação institucional de tal maneira que você tenha um diploma de psicanálise garantido nesses termos.

Larissa: Um dos pré-requisitos para ingresso na formação em psicanálise é ter um curso de nível superior, condição que não existe no curso de psicanálise em nível de graduação. O que pensa do objetivo desse requisito e qual seria o efeito se ele for desconsiderado?

Fábio: Essa questão também é bem interessante para pensarmos um certo tipo de cultura bacharelesca que é também um certo tipo de insígnia de distinção, nos termos de Bourdieu na sociologia das profissões. Precisamos de um curso superior, então, como marcação de classe social, também como um certo tipo de insígnia de que o sujeito em questão passou pelo saber universitário. Isso deixa muito claro que existe uma sociologia das profissões implícita na profissão liberal que é psicanálise. Mas preocupa efetivamente e sempre preocupou Freud no que tange à análise leiga, o sentido de que uma formação em engenharia, uma formação em oceanografia, por exemplo, ajudaria o sujeito no tratamento de transtornos mentais, sofrimento psíquico grave de casos

que a gente observa na clínica? É evidente que não. É evidente que determinados cursos são insuficientes para que alguém se autorize como psicanalista, como um trabalhador da saúde mental. Não são apenas insuficientes, como também são perigosos, porque estão atrelados a outros tipos de concepções de sujeito que estão distantes da concepção científica de sujeito que a psicanálise propõe. Esse é um dos marcadores importantes que aparecem na história da psicanálise como uma insígnia de classe, uma insígnia simbólica de pertencimento de classe e de atrelamento ao saber universitário como dando mais legitimidade à formação do analista. Então, o desejo que estava presente desde a formação da psicanálise em Freud era que esse atrelamento entre psicanálise e universidade produzisse legitimidade, produzisse um certo tipo de recurso simbólico que conferisse a essa profissão legitimidade pública. Por sua vez, essa legitimidade entraria enquanto capital simbólico como um capital reconhecido, como legítimo para o tratamento. De novo um alerta contra o perigo do charlatanismo, o perigo _ de uma profissão sem controle, onde todos falam o que querem, na qual não há nenhum tipo de regulação pública do que se faz. O que garante a formação do analista é sempre o tripé: estudar a própria teoria psicanalítica, fazer supervisão, clínica horizontal e vertical dos seus casos e a análise pessoal, que deve passar efetivamente pela análise com um analista reconhecido pela comunidade de psicanalistas como um analista legítimo. É uma outra questão que se abre. Qual é o analista legítimo?

Larissa: Um das questões descritas na página da instituição que oferece o curso online é que a psicanálise não tem regulamentação, não tem vinculação a órgãos de classe e a conselhos. Acredita que esse fato possa deixar a Psicanálise mais suscetível a situações como esta ou que a regulamentação por parte dos psicanalistas também seria inviável?

Fábio: Para falar dessa questão vamos retomar um pouco da história da Psicanálise. No texto “Psicanálise Selvagem” Freud alerta a esse perigo. Um médico que vai fazer um tratamento, pode fazer interpretações abusivas, iatrogênicas, e dizer que esse tratamento que está propondo é uma psicanálise. Para proteger a psicanálise dessa dispersão discursiva, Freud institui uma associação que vai, por sua vez, legitimar esse discurso, dizendo que esse sujeito está autorizado a falar em nome da psicanálise. Então, o primeiro objetivo é sempre uma questão de legitimação discursiva de um certo tipo de cuidado contra aquilo que vai ser chamado de charlatanismo, de psicanálise selvagem. Esse vai ser o primeiro bônus de um certo tipo de conselho ou órgão de classe atrelado a uma teoria. O ônus desse tipo de articulação me parece ser um engessamento da teoria a um certo tipo de formação de grupos, de um funcionamento da psicologia grupal, sobre o qual o próprio Freud nos alertava: uma idealização muito forte dos seus líderes, um certo tipo de investimento do pensamento, políticas internas ditas e não ditas, que envolvem a formação e as disputas de poder. Também temos esse ônus na formação dessas associações. O fato de não termos um conselho federal, um conselho único, deixa-nos mais suscetíveis a esse tipo de dispersão discursiva. Esse é o preço que a psicanálise tem pago e o risco que corre por não se atrelar fortemente a uma instituição. Ao que me parece, então, a história da psicanálise tem se constituído a partir dessa dispersão teórica, uma certa diáspora teórica, que é mantida enquanto uma unidade de forma sempre muito tênue, muito imprecisa. Isso tem um bônus que é manter a multiplicidade dos discursos dentro da teoria psicanalítica, manter vivo o debate entre as teorias, manter viva a diversidade teórica, embora sejam também muitos ônus que existem nessa dispersão epistemológica e em função da ausência de algum tipo de associação que possa reger a voz daqueles que se manifestam em nome da psicanálise. ●

perspectivas

por Clarissa Salle de Carvalho



Entrevista
realizada por
Clarissa Salle de
Carvalho com Silvia

Brandão Skowronsky, Psicóloga,
Psicanalista e Membro Titular com
função didática plena da SBPdePA.

Clarissa: No fim de 2021, uma universidade brasileira divulgou a criação de uma graduação em Psicanálise. Como você avalia tal proposta?

Silvia: Insustentável, na perspectiva dos fundamentos da Psicanálise desde Freud, pois a Psicanálise não é uma profissão e sim uma práxis apoiada num Modelo Teórico, com um Método próprio, cujo acesso e treinamento supõe três eixos especiais: Análise Pessoal, Estudo Teórico e Prática Clínica Supervisionada.

Freud, no texto “Análise Leiga”, discute sobre a especificidade da Psicanálise, que é própria e independente, pois não é um ramo da Medicina, nem da Psicologia.

A expressão “leiga” significa que o interessado em ser Psicanalista terá acesso a essa práxis via um treinamento específico desenvolvido no modelo citado acima, na dimensão dos três eixos.

Lembro que o modelo universitário não teria como contemplar os três eixos, principalmente quanto à Análise do futuro Psicanalista, ferindo assim os fundamentos da Psicanálise.

Clarissa: Se por um lado uma graduação em psicanálise pode parecer problemática, já temos pós-graduações razoavelmente bem estabelecidas na comunidade psicanalítica. Como você vê as possibilidades de relação entre psicanálise e a universidade?

Silvia: Um tema controverso e de discussão antiga, pois o estudo teórico na Universidade significa a elaboração de uma tese, condição distinta da proposta de treinamento do Psicanalista, cujo estudo conceitual significa conhecer a obra de Freud

e dos autores posteriores que desenvolveram a Psicanálise até hoje. Essa construção de conhecimento nunca significaria uma tese, mas o estudo teórico-conceitual que norteia os interrogantes que a prática clínica implica na aplicação do Método.

Clarissa: A situação atual parece nos ter trazido a uma tensão: por um lado todos sabemos das dificuldades de uma análise on-line mas, por outro, a pandemia acabou por empurrar-nos para esse cenário. Junto a isso, iniciativas como o avanço do metaverso também nos coloca em questão. Como pensar a psicanálise e a prática psicanalítica num mundo cada vez mais virtual?

Silvia: Questão complexa, que a experiência com a pandemia nos desafiou para deixar o presencial e trabalhar on-line. Um estranho cenário. Mas talvez tenha trazido prejuízos para a prática de quem está começando e sem ainda a experiência para configurar a própria práxis. A posteriori teremos mais estudos sobre essa modalidade que, entretanto, permitiu a continuidade das análises. Lembrando a peculiaridade da singular verdade vivencial de um sujeito psíquico e sujeito do inconsciente e da cultura, portanto argumento de que nunca teríamos como generalizar.

A marca registrada da Psicanálise nunca é um genérico, e sim a interrogação e análise da singular experiência própria. Assim, essa situação emergencial poderá ser pensada em seus efeitos ou até mesmo na abertura de novas possibilidades e de recursos. Sobre o Metaverso também supõe ser pensado na dimensão de como desarticula ou não o modelo da Psicanálise.

Vamos seguir perguntando, creio que ainda sem evidências, como pensar a psicanálise e a prática psicanalítica envolvida com um mundo cada vez mais virtual, até porque seguiremos humanos configurados com corpo biológico e erógeno, então ainda propício ao alcance da Psicanálise.

Clarissa: É possível organizar um curso de graduação em Psicanálise que contenha os requisitos fundamentais e obrigatórios para uma formação psicanalítica, aquilo que é comumente chamado de “tripé analítico”, ou seja, que englobe análise pessoal, seminários e supervisões semanais? Nesse sentido, como fica a questão do analista/avaliador que se propõe a embarcar em um tratamento de um analisando/avaliado que terá que ser “avaliado” via análise? Vide análise didática?

Silvia: Sobre se é possível organizar um curso de graduação em Psicanálise que contenha os requisitos fundamentais da Psicanálise, creio que já respondi, mas confirmo que não é possível, pelo simples argumento que Psicanálise não é uma profissão.

Lembrei de Francois Roustang, em “O Destino Funesto”, que nos diz: “A relação entre a irracionalidade da transferência e a cientificidade da análise é o que está no coração da prática e da teoria Psicanalítica. O discurso consciente, cuja mais alta expressão está no discurso da ciência, é inteiramente impregnado e invadido pelos mecanismos inconscientes”. Portanto a lógica acadêmica não possibilita a transmissão da Psicanálise, pois supõe ser transmitida por Psicanalistas.

Lembro que o tema da pertença ou vinculação institucional, enquanto campo de transmissão e de troca e convivência entre pares, tem uma importante função de quarto eixo apoiando os três eixos já citados.

A análise do Psicanalista em treinamento não é didática. Essa antiga expressão é inadequada, mesmo que a ideia seja vincular a importância da Análise Pessoal do Psicanalista, em treinamento, com os outros dois eixos de estudo teórico e supervisão da prática clínica. Roustang, inspirado, ensina “a Psicanálise não é uma ciência, nem uma lógica, nem um estruturalismo, mas uma prática que se inaugura na própria análise do analista.” ●

arte e cultura

**A GUERRA NUNCA
PARTIU, FILHO. AS
GUERRAS SÃO COMO
AS ESTAÇÕES DO ANO:
FICAM SUSPENSAS,
A AMADURECER NO
ÓDIO DA GENTE MIÚDA.**

► MIA COUTO, DO LIVRO
O ÚLTIMO VÔO DO FLAMINGO

Menina em Przemysl, Polônia.
Foto: Yara Nardi/Reuters



Criança durante treinamento militar para civis na Ucrânia. Foto: Umit Bektas/Reuters



Alexandra de 12 anos e a irmã Esyea, de 6, se despedem. Foto: O GLOBO

biblioteca

Racismo: por uma psicanálise implicada



Ano: 2021

Editora: Artes & Ecos

Autor: Ignácio A. Paim Filho

Parte da série Escrita Psicanalítica, o livro *Racismo: por uma psicanálise implicada*, de Ignácio Paim Filho, não pretende trazer respostas ao leitor. Nascido do estranhamento diante do reconhecimento do demoníaco estrangeiro que nos habita, condição necessária, segundo o autor, para a possibilidade de transformações, o livro inicia com duas grandes indagações: “que tipo de racistas somos” e “o que pretendemos fazer com isso?”.

A partir de um relato autobiográfico sobre o seu lugar de fala enquanto homem negro e o processo de descobrimento e constituição de sua negritude, o autor cumpre com o seu objetivo de dar voz às origens e vicissitudes do racismo no Brasil, país com a maior população negra fora da África, que se diz não racista mas segue perpetuando atos de violência contra a população não branca. O mito da igualdade racial é parte do link que o autor faz entre o racismo e a pulsão de morte, força destrutiva, embora por vezes silenciosa, que agride, maltrata, mata. O ponto de partida pra essa reflexão é o fundamental questionamento: “seria o racismo à brasileira um grande exemplo da letalidade silenciosa da pulsão de morte?”.

O contexto sócio-político-econômico é o pano de fundo para os potentes desdobramentos das reflexões propostas. Os 130 anos de psicanálise – 85 de psicanálise brasileira no campo institucional – se confundem com os recentes 133 anos da abolição de uma escravatura que não foi verdadeiramente abolida. Que não é reparada. É por isso, também, a importância desse livro/denúncia que desvela o poder tanático da branquitude e propõe a desconstrução disso que nos estrutura enquanto sujeitos, enquanto sociedade, portanto, também, enquanto psicanalistas.

Entre inquietações e interrogações metapsicológicas, sobre a ordem cultural e direcionadas às instituições psicanalíticas, Paim vai além da problematização, propondo meios de enfrentamento do legado racista que perpetuamos e abre caminhos, apontando novas possibilidades de rotas a serem percorridas para que nos tornemos os sujeitos e psicanalistas antirracistas que queremos – e devemos! – ser.

agenda

> METAPSICOLOGIA FREUDIANA I

Coordenação: Ignácio Paim Filho (primeiro semestre) e Sílvia Skowronsky (segundo semestre)
Horário: terças-feiras, às 14h
Local: Porto Alegre

> METAPSICOLOGIA FREUDIANA III

Coordenação: Beatriz Camargo (1º semestre) e Jocitacler Bolsoni (2º semestre)
Horário: terças-feiras, às 11h30 (1º semestre); terças-feiras, às 11h (2º semestre)
Local: Porto Alegre

> PSICOPATOLOGIA II

Coordenação: Simone Accetta Groff
Horário: quartas-feiras, às 14h10
Local: Porto Alegre
Co-coordenação: Valéria Rodrigues

> TÉCNICA II

Coordenação: Beatriz Camargo
Horário: quartas-feiras, às 14h
Local: Porto Alegre
Co-coordenação: Clarissa Salle de Carvalho

> TÉCNICA III

Coordenação: Luciana Kroeff
Horário: terças-feiras, às 14h10
Local: Porto Alegre

Co-coordenação: Eliane Deitos

> METAPSICOLOGIA PÓS-FREUDIANA I

Coordenação: Elisabeth Guarnier
Horário: quartas-feiras, às 16h10
Local: Porto Alegre
Co-coordenação: Rosistela Arruda

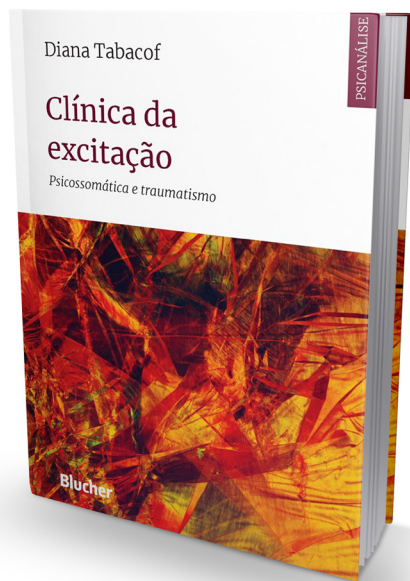
> METAPSICOLOGIA PÓS-FREUDIANA III

Coordenação: Raquel Moreno Garcia
Horário: terças-feiras, às 16h10
Local: Porto Alegre
Co-coordenação: Mariana Lütz Biazzi

por Mariana Lütz Biazzi



Clínica da excitação



Ano: 2021
Editora: Blucher
Autora: Diana Tabacof

Foi no início dos anos 60 que a organização psicossomática, novo objeto de estudo de um grupo de psicanalistas da Sociedade de Paris, se inscrevia no terreno já conquistado da metapsicologia freudiana e passava a ter um novo olhar que rompia com as classificações psicossomáticas existentes até então. A investigação psicossomática, de Pierre Marty, Christian David e Michel de M'Uzan, foi a obra fundadora, resultado de uma pesquisa iniciada no meio hospitalar com pacientes que apresentavam as mais diversas patologias somáticas que resultou na construção desse conjunto teórico inovador que abria espaço, também, para um pensamento clínico singular.

Como analisar sintomas orgânicos de pacientes bem adaptados ao mundo que os rodeia e que não manifestam sofrimento tampouco queixas na esfera psicoafetiva ou comportamental? O sofrimento físico advindo de um drama psíquico que se passa em surdina é resistente a interpretações. O sintoma, puramente físico, externa uma cena que não pode se passar intrapsiquicamente e ocupa o espaço do conflito que, nesses casos, é inelaborável. É assim que o ponto de vista econômico vai ocupando um lugar central no corpo teórico-clínico da escola francesa, uma vez que ficam evidentes as falhas no tratamento psíquico das excitações corporais mobilizadas pelas experiências vividas e de sua ligação às representações mentais. A emergência de angústias difusas e invasivas, uma intensa utilização do registro perceptivo e da sensório-motricidade como vias de regulação das tensões caracterizam, segundo a autora, a clínica da excitação.

E assim surge o livro de Diana, como um compilado de artigos resultantes de conferências proferidas pela autora sobre a Escola de Paris, que retoma a história bem como conceitos-chave – tais como pensamento e vida operatória, depressão essencial, desorganização somática – da teoria psicanalítica da psicossomática. Abrindo as portas de sua clínica ao leitor, a autora propõe uma integração dos pensamentos teórico e clínico expondo um grande leque de transtornos psicossomáticos que ilustram a teoria e permitem uma melhor compreensão acerca da metapsicologia desses processos, contribuindo para a ampliação dos horizontes da psicanálise.

por Mariana Lütz Biazzi



> PSICOPATOLOGIA INFANTIL II

Coordenação: Luciana Kroeff (1º semestre e Elisabeth Guarnier (2º semestre)
Horário: sábados, quinzenalmente, às 11h30
Local: Porto Alegre

> SEMINÁRIO CLÍNICO

Coordenação: Kenia Ballvé Behr
Horário: quartas-feiras, às 16h
Local: Porto Alegre

> PSICOPATOLOGIA I

Coordenação: Jocitacler Bolsoni
Horário: quintas-feiras, às 19h30
Local: Passo Fundo

> GRUPO DE ESTUDOS: SILVIA BLEICHMAR

Coordenação: Raquel Moreno Garcia
Horário: sextas-feiras, quinzenalmente, às 11h30
Local: Porto Alegre

> GRUPO DE ESTUDOS: JEAN LAPLANCHE

Coordenação: Kenia Ballvé Behr
Horário: terças-feiras, às 19 horas
Local: Porto Alegre

> ESTUDOS AVANÇADOS EM JEAN LAPLANCHE

Coordenação: Kenia Ballvé Behr
Horário: quartas-feiras, às 9h30
Local: Porto Alegre

> NÚCLEO DA PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

Coordenação: Raquel Moreno Garcia
Horário: quintas-feiras, quinzenalmente, às 20 horas
Local: Porto Alegre

> NÚCLEO DE GÊNERO E SEXO

Coordenação: Raquel Moreno Garcia
Horário: sextas-feiras, quinzenalmente, às 11h30
Local: Porto Alegre

A Gazeta é uma publicação trimestral da **Constructo Instituição Psicanalítica** cujo objetivo principal é ampliar o acesso à informação de qualidade para seus associados e alunos. **A Gazeta** é um veículo comunicativo híbrido, que mescla discussões teóricas a informações mais pontuais. Entre em contato conosco através do e-mail **comunicacao@constructo.com.br** para submeter algum tipo de contribuição para o nosso próximo número.



Yelena Shevel, de 10 anos, em kiev.
Foto: Diego Ibarra Sánchez



CONSTRUCTO
instituição psicanalítica